

A FACA RITUALÍSTICA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Me. Douglas Santana Ariston Sacramento

(Universidade Federal da Bahia)

Resumo: No cenário contemporâneo da literatura brasileira, o autor Itamar Vieira Junior se destaca por seu romance de enorme sucesso: *Torto Arado* (2019). A narrativa conta a história de duas irmãs que durante a primeira infância, pegam uma faca que estava escondida dentro da mala da avó, Donana, e por meio deste objeto, uma das garotas perde a língua e não consegue mais falar, enquanto a outra se transforma em intérprete da irmã. Esse mote principal desencadeia uma série de desdobramentos na narrativa em que as irmãs se separam e se reaproximam na fase adulta. Por meio da relação entre Literatura e Antropologia, este artigo visa analisar a faca como um objeto ritualístico que está inserido em uma cosmovisão proveniente das religiões de matriz africana no Brasil.

Palavras-Chave: Itamar Vieira Junior; Religiosidade; Torto Arado.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos acerca da relação da literatura com outras áreas, acabamos caindo no campo minado que divide a opinião de pesquisadores e teóricos do campo literário. Antoine Compagnon (2009), por exemplo, lança a seguinte pergunta motivadora: *Literatura para quê?*.

Passeando pela história da teoria literária e analisando possibilidades de entender a sua utilidade, o autor francês coloca a literatura e a experiência humana como instâncias em diálogo: “[...] o concreto se substitui ao abstrato e o exemplo à experiência para inspirar as máximas gerais, ou, ao menos, uma conduta em conformidade com tais máximas” (COMPAGNON, 2009, p. 40).

Deste modo, Compagnon (2009) transpassa a experiência humana para a produção literária, o que possibilita um esgarçamento das possibilidades de diálogo entre a literatura e outras áreas do conhecimento. Pois, de acordo com o autor: “a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (COMPAGNON, 2009, p. 31).

Logo, para empreender uma análise, é conveniente que ocorram diálogos com outras áreas, justamente para dar conta das múltiplas expressões de sujeito e de visão de mundo que são representadas nas obras literárias. Pensando nessa possibilidade de diálogos transdisciplinares, a teórica mineira Eneida Maria de Souza (2021) defendeu tal perspectiva de conversas como uma necessidade para

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

não deixar a literatura entrar no campo do fracasso – que estaria na limitação da análise do texto literário pelo literário.

Eneida Maria de Souza (2021) delimita o ramo da Literatura Comparada como uma possibilidade de indisciplina, isto é, de ruptura com as barreiras engessadas que a categoria disciplinar traz para a literatura. Logo, a compressão de uma literatura que estaria no âmbito do pós-disciplinar é colocada na linha do horizonte:

[..] Nada mais coerente seria reforçar, atualmente, não só um clima de pós-disciplina, como também de pós-teoria, por entender que é por demais evidente a ausência de teorias impostas às análises textuais ou de outra ordem, além da atitude comum a muitos críticos, a de se manterem fiéis à leitura empírica e à paráfrase literária (SOUZA, 2021, p. 308).

Assim sendo, para a teórica mineira, a Literatura Comparada desafia os modelos encaixotadores dos limites disciplinares, visto que é da seara do movimento transdisciplinar pensar o fazer e o saber científico em diálogo com outras visões de mundo e construções epistemológicas.

Esse exercício é construído e discutido em diversas passagens da acadêmica, como é o caso do texto *Tempo de Pós-Crítica* (originalmente apresentado como memorial de titulação do mestrado), cujo objetivo é explanar a importância da relação entre Literatura e Antropologia (SOUZA, 2009).

Vale ressaltar que, durante a década de 1970, estavam em alta no Brasil as teorias estruturalistas francesas, principalmente as de Lévi-Strauss. Deste modo, para Eneida Maria de Souza (2009, p. 47), utilizar teorias antropológicas como chave interpretativa para o literário cria uma “nova historiografia literária”.

Por conseguinte, a intelectual mineira continua esboçando a importância do método estrutural de Lévi-Strauss para a teoria literária, o qual:

[...] busca verificar se as leis que regem os mitos são as mesmas que regem o pensamento. A interpretação textual passa a ser efetuada por meio de um raciocínio lógico, baseado na operação da ordem do conceito e instaurada pela cadeia simbólica. A construção de modelos implica a ruptura com a realidade empírica e, assim como o signo opera o corte com a coisa, a estrutura não pode ser diretamente apreendida na realidade concreta (SOUZA, 2009, p. 49).

O presente artigo, portanto, está calcado no diálogo entre disciplinas que a

literatura possibilita, levando em consideração as ramificações de leituras que a Antropologia pode subsidiar para o campo literário. Assim, para estabelecer tal relação entre Literatura e Antropologia, será analisado o romance de estreia do escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019): *Torto Arado*.

Geógrafo de formação e doutor em Estudos Étnicos e Africanos, ambos pela Universidade Federal da Bahia, Itamar Vieira Junior é um grande sucesso de público e crítica da literatura contemporânea, destacando-se como vencedor do Prêmio LeYa, em 2018, do Prêmio Jabuti de Romance Literário e do Prêmio Oceanos, ambos em 2020.

Torto Arado, a obra analisada neste artigo, narra a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que moram em Água Negra, na Chapada Diamantina. A trama se inicia com as irmãs encontrando uma faca escondida na mala da avó, Donana. O objeto corta a língua de Belonísia, deixando-a sem fala e, consequentemente, transformando Bibiana em intérprete da irmã. No desenrolar da vida adulta das personagens, ocorre a separação, na qual Belonísia permanece no povoado e vive um casamento violento, e Belonísia vai para a cidade se tornar professora. Assim, quando retorna, já formada, Belonísia ensina seu povo sobre a questão da terra, visto que é um direito daquela comunidade quilombola¹.

Portanto, o artigo foca na cena que inicia o romance, ou seja, o encontro das irmãs com a faca e o corte proveniente desse evento. Analisa-se a faca como objeto ritualístico, salientando a existência de um agenciamento pautado numa relação entre seres humanos e não-humanos nesse encontro das protagonistas com a faca. Para isso, serão utilizadas teorias antropológicas como chave de leitura interpretativa.

1 A FACIA QUE CORTA LÍNGUA E MODIFICA VIDAS

No escopo das religiões, existem práticas e ritualísticas que compreendem objetivos múltiplos, variando de sujeito para sujeito. Alguns desses rituais de cunho religioso perpassam etapas que o indivíduo vivencia na religião para que tal

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

ato se compra. Nas religiões de matriz africana, por exemplo, existem rituais que precisam de certos objetos para serem cumpridos.

O teórico alemão Arnold van Gennep (2013) aponta que os ritos estariam no intermeio, isto é, entre etapas da vida do sujeito, levando-o de um estágio da vida para outro. O autor também pontua que os ritos não estariam apenas associados à religião, visto que:

[...] para passar de camponês a operário e mesmo de servente de pedreiro a pedreiro, é preciso satisfazer certas condições que, entretanto, têm de comum assentarem somente em uma base econômica ou intelectual. [...] Entre o mundo profano e o mundo sagrado há incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário. (GENNEP, 2013, p. 23)

¹ O autor baiano Itamar Vieira Junior é funcionário público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), logo, este assunto é de sua alcada, pois trabalha com a regulamentação de terras que recebem o status de quilombo. Para além disso, sua tese de doutorado, defendida em 2017 e intitulada *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo de lúna*, analisa a comunidade quilombola de lúna, na Chapada Diamantina, e permeia tal temática.

Logo, comprehende-se que a faca que realiza o corte no início do romance de Itamar Vieira Junior (2019) é um objeto que se instaura em uma ritualística que modifica o percurso das personagens no interior da narrativa. A utilização da faca como instrumento ritualístico está inserida na problemática de que existe uma relação entre humanos e não-humanos dentro de religiões de matriz africana.

Essa afinidade é percebida quando observamos a relação com o divino nessas religiões, com um panteão cujos deuses estão associados a objetos, animais e alimentos:

As divindades encontram-se reunidas em grupos que possuem semelhanças entre si. Algumas são responsáveis pelos quatro elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Outras, pelos três reinos: animal, mineral e vegetal. Em outra divisão, temos os regentes da produção de ferramentas, metalurgia, agricultura, pesca, caça (MAURÍCIO, 2009, p. 81).

Assim, para essas religiões, todas as instâncias estariam conectadas. O ser humano não estaria solto e desprendido das suas relações com o não-humano. Portanto, logo nas primeiras páginas de *Torto Arado*, temos Vó Donana e seu hábito de falar com seres invisíveis, orando e pedindo proteção para Bibiana e

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

Belonísia:

[...] Naquele tempo, costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém – que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido. Pedia que o mesmo fantasma que habitava suas lembranças se afastasse das meninas. [...] Falava sobre pessoas que não víamos – os espíritos – ou de pessoas sobre as quais quase nunca ouvíamos, parentes e comadres distantes (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 14).

A faca surge no meio das rezas de Vó Donana, as quais não funcionam nesse dia em questão. As meninas, ao perceberem o distanciamento da avó, correm para dentro de casa e, muito curiosas, desejam saber o que tem dentro da mala que fica debaixo da cama. No interior desta mala está a faca:

[...] E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo. Fui eu quem desatou o nó, atenta à voz de Donana que ainda estava distante. [...] Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, e minha irmã pediu para pegar. [...] Cheirei e não tinha o odor rançoso dos guardados de minha avó, não tinha manchas nem arranhões (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 15).

A faca estaria, portanto, inserida nessa relação que perpassa o visível, pois, na narrativa, entende-se que tudo foi arquitetado – a curiosidade das irmãs, o encontro com a faca e o corte na língua – partindo do pressuposto que o objeto demanda uma energia que transforma a vida dos sujeitos. E isso, de fato, ocorre, pois estamos falando de um objeto de cunho ritualístico.

Nas religiões de matriz africana, a especificidade da faca como objeto de ritual é evidenciada, visto que é uma prática comum, nessas religiões, o sacrifício de cunho animal (envolvendo sangue, ou não). No escopo da prática de sacrifícios, a faca se transforma numa extensão do sujeito que a maneja e que tem em mente uma funcionalidade predeterminada para a utilização do objeto (FAVARO; CORONA; RAMOS, 2022).

Os pesquisadores Jean Felipe Favaro, Hieda Corona e João Ramos (2022) apontam o seguinte:

[...] Quando a mão e a faca estão em operação na cosmopolítica afro-religiosa proporcionam um fluxo energético que cria novas realidades. [...] Novos mundos são produzidos e cada agenciamento de trabalhos pelas mãos de uma mãe ou pai de santo, das quais fluem a força da criação

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

(FAVARO; CORONA; RAMOS, 2022, p. 29).

No caso de *Torto Arado*, existe o sangue que mancha a faca desde o seu primeiro uso, o que abre a possibilidade de novos rumos para a personagem. Quando Vó Donana encontra a faca (anos antes do nascimento das netas), ela utiliza o objeto para matar o estuprador de sua filha Carmelita – tia das meninas. Esse acontecimento resulta na fuga de Carmelita, que nunca mais retorna.

Assim, a cena que inicia o romance apresenta o segundo momento de uso da faca (segundo uma linha cronológica), quando Belonísia coloca o objeto na boca e perde um pedaço da língua, o que transforma Bibiana em sua intérprete:

[...] Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou no meu paladar se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 15).

Deste modo, ainda na primeira infância de Bibiana e Belonísia, a faca corta a vida dessas mulheres negras, modificando-as para sempre. O acontecimento cria uma nova realidade para as irmãs e, consequentemente, ocorre uma nova relação:

[...] Ocupávamos o tempo com as apreensões do corpo da outra. No começo foi difícil, muito difícil. Era necessário que se repetissem palavras, que se levantassem objetos, que se apontasse para as coisas que nos cercavam, tentando apreender a expressão desejada. Com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma à outra, sem perder a nossa essência.

[...]

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim (JUNIOR, 2019, p. 24).

Essa possibilidade de mudança por meio de um objeto só ocorre pela relação entre a faca e todo o caminho que percorre até chegar no ápice do início do romance. A faca como objeto ritual, sendo utilizada para a passagem de um estágio para outro na vida das personagens, desempenha a funcionalidade de abrir instâncias de vivências novas para as protagonistas. A partir do fio de corte, a vida de Bibiana e Belonísia ganha outros contornos. A faca corta e separa a vida das duas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo esboçou uma possibilidade de leitura para o significado que o objeto faca tem no bojo da narrativa do escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019). Partindo da relação entre Literatura e Antropologia, um diálogo pautado numa relação de diálogo entre esses dois campos do saber, essas duas instâncias foram utilizadas para fundar a interpretação que comprehende a faca como um objeto ritualístico que está inserido em uma relação que perpassa personagens humanos e não-humanos.

Por estar inserida no cenário interdisciplinar entre Literatura e Antropologia, a faca ganha conotação ritualística, similar a existente numa comunidade religiosa, na qual a faca é uma extensão do sujeito que a usa e, para além disso, abre possibilidades de caminhos e novas trajetórias.

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FAVARO, Jean Felipe; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; RAMOS, João Daniel Dorneles. Composições de pessoas e mundos na cosmopolítica afro-religiosa: a rede de relações no agenciamento das comidas dos Orixás. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 21-42, 2022.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemática dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.

Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAURÍCIO, George. **O candomblé bem explicado** (nações Bantu, Iorubá e Fon) / Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. **Tempo de pós-crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura comparada, indisciplina. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Narrativas impuras**. Recife: Cepe, 2021. p 301-312.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.